

Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social

CDD. 20.ed. 573
616.89

Sandra Ferreira dos SANTOS*
Adilson Dias SALLES**

*Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
**Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

Trata-se de um trabalho de campo realizado em uma academia de musculação na zona norte do Rio de Janeiro, onde analisamos a representação sobre o corpo e os desejos de buscar um modelo idealizado. Concentramos nosso interesse nas razões que levam os indivíduos a despenderem tanto esforço e tempo nessa atividade. Dados da literatura revelam que estamos inseridos em uma "cultura do corpo" e que esse comportamento interfere na vida das pessoas e na imagem que têm de si mesmas. A partir desses dados identificamos as relações culturais e sociais desse universo, por meio da observação participante e da análise de questionários aplicados aos indivíduos.

UNITERMOS: Antropologia; Musculação; Corpo; Representação.

A inserção na cultura do corpo

O comportamento dos frequentadores de uma academia de musculação, considerando, ainda, suas relações e representações sociais, não pode ser entendido sem que possamos contextualizar a sociedade em que eles se inscrevem, assumindo toda a complexidade de valores e de crenças aí inserida. Um dos denominadores comuns desse estudo é o chamado "culto ao corpo" e, assim, buscamos compreender os significados do corpo e as estratégias que as pessoas empregam na busca de determinados modelos.

O "culto ao corpo" vem, ao longo da História, interferindo no comportamento e nas relações humanas, das mais variadas formas (ALMEIDA, 2004; CONNELL, 1995; ELIAS, 1993; FRAGA, 2004; MALYSSE, 2002; MARZANO-PARISOLI, 2004; MENEGUELLO, 1996; SABINO, 2004; SANT'ANNA, 2004; SFEZ, 1996; VIGARELLO, 2006).

Segundo MAUSS (1974):

expressamos o nosso corpo por meio da educação e da socialização. Há, portanto, formas admitidas como erradas e corretas de nos portarmos e significados psicológicos e sociológicos, em nossos atos, que diferem de uma sociedade para outra. Nossos gestos e atitudes são assimilados de atos, bem sucedidos,

de outros indivíduos, especialmente, daqueles que nos são significativos ou que representam certa autoridade (imitação prestigiosa). Assim, somos, em essência, montagens culturais que fazem parte de um conjunto simbólico, com significados próprios, evidenciando a natureza social do habitus.

Mas, afinal, o que é o corpo e qual o seu significado?

Para FOUCAULT (1988) o corpo é, simultaneamente, agente e objeto, dentro de um jogo de forças na rede social e, assim, torna-se um depositário de marcas e de sinais desses embates, que o tornam um verdadeiro campo de provas.

No mundo atual, construir um modelo do corpo está associado ao sucesso, traduzido pela conquista de melhores posições sociais e profissionais. Para GOLDENBERG e RAMOS (2002) e MARZANO-PARISOLI (2004), ter um corpo perfeito deixou de ser uma dádiva da natureza e passou a ser responsabilidade do próprio indivíduo.

Ao atingir o sucesso desse modelo, as pessoas são consagradas como portadoras de um caráter mais

forte, incorporando energia e força, e percebidas, ainda, como disciplinadas e determinadas. Do “outro lado” ficariam aqueles que não se enquadram no padrão: os preguiçosos e os indisciplinados. A aparência do corpo é vinculada à personalidade do indivíduo e, daí, o julgamento moral das pessoas passaria, primeiramente, pela aprovação do modelo. Assim, busca-se um “modelo ideal” que nos insere em uma norma.

A avaliação da aparência passa, segundo LOLAND (1998) e MARZANO-PARISOLI (2004), a fundamentar o julgamento moral das pessoas e o corpo musculoso do “bodybuilder” constitui-se no veículo que garante o reconhecimento social de uma suposta retidão moral. GOLDENBERG e RAMOS (2002) consideram que a aparência do corpo é peça indissociável da virtude humana.

A beleza passa a ser significada como saúde e, assim, os indivíduos vão sendo oprimidos na busca do modelo que os tornem “saúdáveis” (SUDO & LUZ, 2007). Esse vínculo entre saúde e beleza, fica bem explícito no uso do termo: “sarado”, um adjetivo que deriva do verbo “sara”, ou seja, “recobrar a saúde” ou “curar uma ferida”, mas que foi ressignificado para “corpo modelado” ou “corpo musculoso”.

CARVALHO (2001) assinala que, sob o discurso da neutralidade da ordem biológica, a propaganda dirigida às grandes massas cria um senso comum de que a atividade física é promotora de saúde. Esse discurso, na verdade, mantém ocultos os interesses da indústria cultural, da moda e do mercado que conduzem os parâmetros de saúde pelo viés da beleza corporal.

O corpo passa a ser considerando verdadeira identidade e um local de explorações e de experiências, disponível ao exercício das transformações. Nessa relação, toda subjetividade humana seria exercida por meio da aparência física (SANT’ANNA, 2004). Para SOARES (2004): “a virtude e os valores humanos vão sendo resumidos a centímetros de bíceps, de cinturas, de coxas, de nádegas sob um custo extraordinário, envolvendo exercícios e o suporte de um arsenal de drogas e de cirurgias”.

SABINO (2002) chama a atenção de que esse processo de reconstrução corporal não é restrito às academias de musculação, mas interfere no cotidiano de milhões de pessoas, atraídas pela propaganda, na busca da construção da “boa forma”.

Apagando as marcas do tempo

Além de incorporar uma identidade, as transformações do corpo buscam protegê-lo dos efeitos

“implacáveis” do tempo. O ideal contemporâneo é de um corpo eternamente jovem e enxuto e construído por meio de dietas, exercícios físicos e cirurgias estéticas (MARZANO-PARISOLI, 2004).

Segundo COURTINE (1995):

As estratégias de gerenciamento do corpo, que floresceram no decorrer dos anos 80, são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, o polido, o fresco, o esbelto, o jovem, soma-se à ansiedade frente a tudo que, na aparência, pareça relaxado, franzido, machucado, amarrutado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido, além de uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo, chegando-se a considerar que essas metas obsessivas constituam uma negação laboriosa da morte que se aproxima.

SABINO (2004) vê a busca dessa estética utópica, como uma estratégia social que induzem os indivíduos a lutar contra a sua genética e o processo inexorável de envelhecimento, na busca frenética da juventude eterna. Para SUDO e LUZ (2007): “a velhice torna-se um estado aterrorizante, a partir da concepção de que o tempo vivido perde o seu real valor. O mito da eterna juventude tenderia a produzir corpos sem história, nos quais todas as marcas do passado teriam que ser apagadas”.

MALYSSE (2002) salientou que: “a malhação não deve ser encarada como um esporte e, por isso, esse tipo de atividade física não é um treinamento esportivo, mas um meio de manutenção e de resistência a todas as formas de decadência física”.

Na busca pelo corpo perfeito, as pessoas são pressionadas pela mídia na tentativa de afastar o fantasma do envelhecimento, despendendo um esforço extraordinário em dietas, medicamentos e atividade física, associados às transformações estéticas do corpo, como cirurgia plástica ou lipoaspiração (PEREIRA, 2002). As ações da atividade física e de seus acessórios teriam como objetivos manter a harmonia entre a juventude externa e o sentimento interno de juventude (EDMONDS, 2002).

O corpo como moeda mercadológica As relações sociais

Segundo VIGARELLO (2006), a partir dos anos 50-60, o estímulo ao consumo teria desconfigurado o universo estético vigente ao criar novos modelos, mais acessíveis e realizáveis e, como consequência, o corpo é transformado no “mais belo objeto de

consumo, com a beleza assumindo o discurso do mercado”.

A beleza torna-se um bem material, sendo exposta como um investimento que deve ter retorno e, assim, as pessoas começam aprender a vender a imagem se si próprias (MARTINEZ, 2003; SUDO & LUZ, 2007).

MALYSSE (2002) admite que, em uma sociedade na qual as relações sociais são eminentemente utilitárias, o corpo passa a ser adotado como um tipo de moeda, por meio da qual as relações sociais são negociadas. Essa nova forma de “economia” é absorvida e nos induz a pensar o corpo, como obra de arte: algo a ser exibido e valorizado.

Até a cultura ocidental O corpo através do tempo

Evidentemente, os anseios de imortalidade, de beleza perfeita e do domínio desse processo não são elementos novos na história humana, como assinalou MARZANO-PARISOLI (2004). A concepção dos modelos de beleza e as suas relações com as práticas sociais devem, entretanto, ser contextualizadas no tempo. Assim, tendemos a nos comportar de maneiras diferentes, em cada ambiente em que nos encontramos, considerando que as atitudes têm sido, ao longo do tempo, apropriadas para cada situação e lugar. A forma como agimos e como utilizamos nossos corpos, como meio de expressão têm, portanto, um fundo cultural e devem ser situadas em cada sociedade e em cada época.

Nesse ajuste de tempo e lugar, SANT’ANNA (2004) lança a questão se “é possível realizar uma verdadeira história do corpo”. Examinando o corpo ao longo da história, MARZANO-PARISOLI (2004) nos lembra que a preocupação com a beleza pode ser remontada à Grécia Antiga, onde o controle do corpo e de suas pulsões era enaltecido. Neste cenário, havia, ainda, uma significativa exaltação à força e à beleza, que eram associadas ao caráter e inseridas nas conquistas de ascensão política e social e, assim, “o corpo sempre refletiu pressões e transformações múltiplas, fundadas nos valores e nas crenças promulgados pela sociedade”.

Norbert ELIAS (1993), em sua obra “O Processo Civilizador”, considerou que, na Antiguidade, mesmo homens notáveis, como Ésquilo, Sócrates, Míl de Crotona, Demóstenes e Platão, jamais teriam assumido suas representações sociais, sem antes comprovarem suas qualidades físicas inatas.

Na Grécia Antiga, a academia¹ era um local de aprimoramento tanto corporal quanto civil e a

ginástica afirmou-se como um sistemático exercício de elevação espiritual, sendo, ainda, vinculada ao desenvolvimento da verdadeira nação (MALYSSE, 2002).

Para SABINO (2004), no século XIX, os espetáculos de força e de destreza física faziam parte das apresentações dos saltimbancos nas feiras medievais, consolidadas, institucionalmente, nas chamadas práticas circenses - circos de lona. Tais apresentações deram origem a uma outra vertente do espetáculo: os “freak shows”, nos quais a força física ou algum atributo físico “anormal” eram exibidos publicamente.

Com a era industrial, o corpo incorpora os reflexos do trabalho pesado, inscrevendo-se no contexto de uma nova administração da vida social. A alimentação e a atividade física, embora ainda incorporem a moralidade, passam a adotar o discurso da cientificidade. O corpo será, então, convocado a cumprir as novas exigências surgidas em novos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais (SABINO, 2004).

Já no início do século XX, com o surgimento da microbiologia e da genética, associadas às novas concepções de higiene e eugenia, as promessas de um corpo fisiologicamente perfeito foram ficando mais consolidadas (FRAGA, 2004; SABINO, 2004; SANT’ANNA, 2004).

Essa questão da beleza como instrumento de eugenia e higiene, foi bem retratada por ALMEIDA (2004) ao chamar a atenção que, no filme *Olympia*, encomendado por Hitler ao produtor Leni Riefenstahl, por ocasião das Olimpíadas de Berlim, em 1936, estão presentes todos os ingredientes necessários à construção de um modelo humano virtuoso, refletido como uma prova inequívoca da supremacia de uma nação.

Após a segunda guerra mundial, houve uma mudança significativa nas justificativas das práticas cosméticas. A cultura norte-americana começou a impor seus modelos na cultura brasileira, especialmente, por meio dos filmes de Hollywood, ao retratarem a beleza de seus astros e estrelas (MENEGUELLO, 1996). A influência de Hollywood também foi referida por VIGARELLO (2006), a partir do momento que o cinema norte-americano começa a exportar a “indústria do sonho” que, assim, passa a impor suas temáticas, seus universos e seus heróis.

A partir da adoção do “bodybuilding”, o corpo passa de espetáculo circense a um objeto de sustentação estratégica da megaindústria do “fitness” (ESTEVÃO & BAGRICHEVSKY, 2004).

Para MALYSSE (2002) um reflexo desse processo de “norte-americanização” dos padrões de beleza pode ser identificado nos nomes das academias

brasileiras que, invariavelmente, mostram toda a idolatria já incorporada aos costumes no Brasil, como: “fitness”, “power”, “physical”, “center”, “sport”, “body”.

O cuidado excessivo com a aparência física, em homens e mulheres, reflete-se, segundo MALYSSE (2002), no grande crescimento do mercado de cosméticos. Mesmo gozando de perfeita saúde, os corpos mostram “imperfeições” e “devem ser corrigidos” por numerosos rituais de transformação.

A obsessão com a aparência pode ser percebida pela expansão das academias, pelo surgimento dos

novos exercícios e das “dietas inovadoras” e, ainda, pela disseminação das cirurgias plásticas e pelo consumo de substâncias químicas de variada natureza (SABINO, 2004).

Em sua “crítica de uma nova utopia”, SFEZ (1996) projetou para o século XXI, um projeto de caráter universal denominado “A Grande Saúde”. Segundo a autora, o homem perfeito deverá, então, libertar-se dos inimigos, que estão em toda a parte, especialmente em nossos genes, nas cidades poluídas, nas drogas e no colesterol.

Metodologia

A partir dessas referências ao culto à aparência física, começamos o nosso estudo em uma academia de musculação na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro, um bairro de classe média, utilizando dois métodos: 1) a observação participante, realizada em três horários diferentes: manhã, hora do almoço/início da tarde e noite. A observação foi feita três vezes por semana, duas horas a cada dia, durante três meses; 2) levantamos os dados pessoais e comportamentais de 91 usuários (46 homens e 45 mulheres), com idades entre 15 e 72 anos (média = 38 anos), pela aplicação de um questionário, para esclarecer algumas questões mais específicas. Optamos por um questionário impresso, no qual as respostas pudessem ser do tipo binárias (sim ou não) ou de escolha múltipla. As questões envolveram variáveis como: sexo, idade, peso, altura, motivações para a atividade, satisfação com o próprio corpo, importância da opinião externa, uso

de ergogênicos ou anabolizantes e realização de cirurgias plásticas estéticas.

A partir do peso e da altura, calculamos o Índice de Massa Corporal (IMC) que é recomendado pela Organização Mundial de Saúde para avaliar o peso de cada indivíduo, em relação à altura. Este índice foi obtido pela relação entre o peso corporal (kg) e a altura (m) elevada ao quadrado (WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1995). As faixas de IMC consideradas (em kg/m²) foram: até 18,9 = abaixo do peso ideal; entre 18,9 e 24,9 = peso ideal; entre 25,0 e 29,9 = sobrepeso; acima de 30,0 = obesidade. Os resultados foram posteriormente compilados e as comparações consideraram as frequências relativas.

Todos os indivíduos entrevistados concordaram com a apresentação dos dados, em publicações e apresentações públicas, resguardado o sigilo pessoal e da academia onde foi realizada a pesquisa.

Resultados

Luzes, câmera, ação!

Na observação participante verificamos que a sala de musculação é um espaço com decoração simples, dotado de um aparelho de TV a cabo, que exhibe programas esportivos, sessões de ginástica e “shows” de música “pop”, além de uma aparelhagem de som com músicas modernas e ritmos acelerados. Espelhos cobrem grande parte das paredes, sendo posicionados ao redor dos aparelhos e a iluminação da sala é adequada às atividades, considerando que, nos horários diurnos, as portas de vidro permitem iluminação natural.

Esse cenário contrasta com as observações de MALYSSE (2002) que ao descrever uma academia de musculação da zona sul do Rio de Janeiro, considerou que: “a decoração mimetizava os estúdios de televisão (Malhação, a série da TV Globo), com iluminação excessiva e cores destinadas a criar uma atmosfera de sedução midiática”.

No espaço de nosso estudo, a quantidade de aparelhos é relativamente reduzida e nas séries prescritas pelos professores, há um critério profissional rigorosamente obedecido. Analisando uma sala de musculação, em Copacabana,

considerada a capital do “bodybuilders”, SABINO (2004) referiu que, nesse tipo de espaço, observou uma disputa de poder dos usuários com os professores de Educação Física que, mesmo formados em universidades, não têm a sua autoridade reconhecida pelos alunos.

O perfil dos usuários

Observamos que ambos os sexos estão representados nas diferentes faixas de idade. Assim, podemos caracterizar a existência de diferentes grupos em relação às suas necessidades e desejos. A composição da amostra foi quantificada pelos dados do questionário (FIGURA 1).

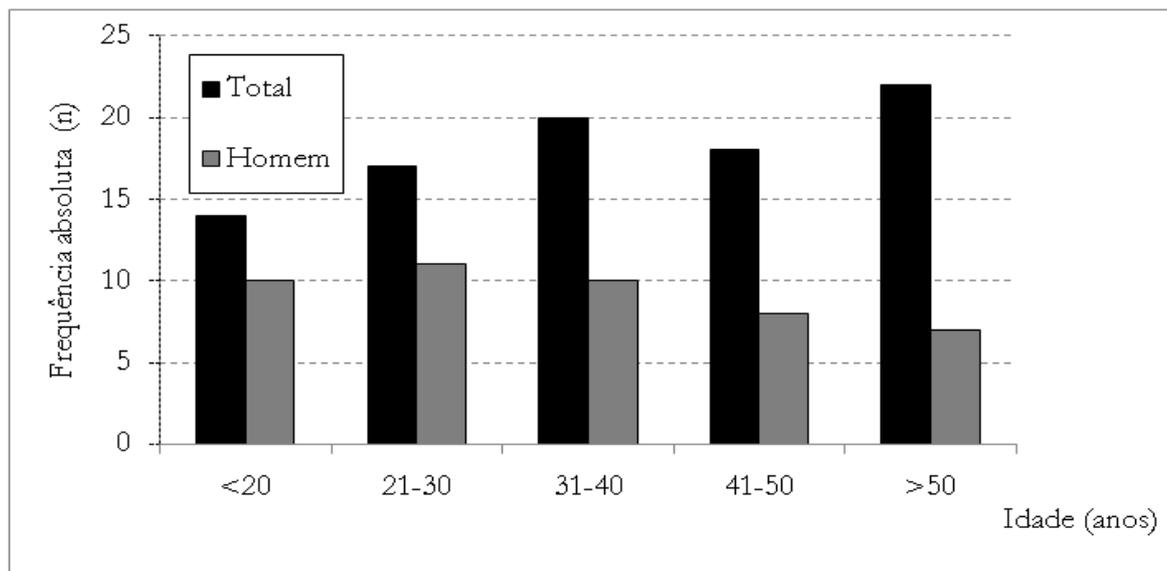


FIGURA 1 - Distribuição dos entrevistados por idade (anos) e sexo.

Consideramos um corte de idade em 40 anos e observamos que, no grupo mais jovem (até 40 anos), encontramos 51 indivíduos (homens = 31; mulheres = 20) e no grupo acima de 40 anos observamos 40 indivíduos (homens = 15; mulheres = 25). Houve, assim, uma maior concentração de mulheres no grupo acima de 40 anos e, de homens, na faixa mais jovem.

Em nenhum dos períodos de observação participante notamos a presença de fisiculturistas (“bodybuilders”) que pôde ser mais bem registrada, nos questionários, pelo índice de massa corporal (IMC). Embora o IMC seja um indicador empregado para avaliar a presença de sobrepeso ou de obesidade, ele é fortemente influenciado pelo aumento da massa muscular. Nesse viés, observamos que apenas 10% dos indivíduos apresentam o IMC acima de 30 kg/m² (homens = 2; mulheres = 7) e, dentre esses indivíduos, apenas dois abaixo de 40 anos. MALYSSE (2002), examinando o perfil de academias da zona sul do Rio de Janeiro, afirmou que a primeira impressão que teve ao iniciar o seu

estudo foi ter ingressado em uma “grande usina de corpos”, face à presença de indivíduos dotados de grande massa muscular. É possível que a escolha da academia, em relação à localização na cidade, mais uma vez tenha influenciado esse tipo de perfil.

O vestuário

As roupas

O desnudamento e a estratificação social

Em relação às roupas e calçados, evidenciamos que tênis e acessórios, muitas vezes de elevado custo, associam-se a um corpo “bem malhado”, parecendo fazer parte de um processo “competitivo”. Para MALYSSE (2002), as roupas, as aparências e os gestos ajudam a manter a posição de pertencimento a um mesmo “corpus” social. As roupas, sob um discurso de facilitarem os movimentos corporais, deixam o corpo bem exposto ao olhar, não apenas pelo reduzido tamanho das peças, mas, sobretudo, por serem justas no corpo, permitindo uma “exibição” das suas formas e contornos.

MALYSSE (2002) ressaltou que a exposição pública dos corpos exerce uma força especial na cultura brasileira e, em especial, na vida dos cariocas, pelas próprias características culturais e climáticas, criando possibilidades para que os corpos fiquem mais expostos ao olhar.

Em “O Processo Civilizador”, Norbert ELIAS (1993) chama a atenção para o fato de que os corpos mais expostos exigem um maior autocontrole de suas pulsões, do que quando o decoro os mantinham escondidos. Para GOLDENBERG e RAMOS (2002), o corpo mais livre pelo seu desnudamento e exposição pública torna-se, na verdade, muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas pelos seus portadores.

SABINO (2004) considera que nas academias de musculação a tecnologia é um ingrediente obrigatório em cena. Produtos de última geração e importados dos EUA, Japão ou Europa são ambicionados. Dos aparelhos de musculação aos tênis Nike e Reebok importados, passando pelos métodos de treinamento surgidos no último verão, na Califórnia e, ainda, as últimas novidades em suplementos alimentares e anabolizantes, saídas dos laboratórios de pesquisa, das multinacionais de nutrição e farmácia, a tecnologia é enaltecida e cria um discurso da cientificidade que traria legitimidade a essas práticas.

Um espaço de socialização

Observamos que a academia é, claramente, um lugar de socialização. As pessoas se encontram, conversam e estabelecem vínculos. Grande parte das pessoas conversa mais do que se exercita e os assuntos são os mais variados, especialmente em relação a dietas e comentários sobre relacionamentos amorosos externos ou surgidos na academia. Apesar de a musculação ser uma atividade individual, vimos a formação de grupos, reunidos ao redor dos aparelhos, ajudando-se nos exercícios e conversando durante o repouso. Vários grupos combinavam encontros e programas fora da academia, evidenciando que dali surgem relacionamentos de amizade, ampliados para outros espaços. Também foi frequente a existência de momentos de confraternização social no próprio espaço da academia, em datas comemorativas de toda natureza.

A esse respeito, SABINO (2004) alerta que a socialização observada nesses espaços de atividade física é que teria estimulado a fundação dos clubes. Para a nobreza européia ocidental do século XIX, a prática de esportes como o golfe, a equitação e o pólo, configura-se como meio de trocas sociais, como os

bailes, os jantares, as festas, “soirées”, ou seja, um conjunto de atividades que possibilita a socialização escolhida e, por meio desta, o aumento do capital social.

A magia do espelho

Um dos fatos que nos chamou a atenção foi o uso dos espelhos. Nos períodos observados, os homens olharam mais os espelhos do que as mulheres. Os homens olham, em si mesmos, predominantemente, os braços e, em seguida, as pernas. Em contrapartida, as mulheres observaram, invariavelmente, as nádegas. Vimos que, em ambos os sexos, as pessoas olham o seu próprio corpo e o corpo dos demais, em uma atitude que nos pareceu de comparação. Embora, a musculação não seja uma atividade competitiva, observamos que, na verdade, há um tipo de competição presente, manifestado pela comparação entre os corpos, que serviriam como referências refletidas nos espelhos.

O espelho parece relacionado a um processo de avaliação pessoal, revelando-se como um referencial de confirmação de que as pessoas estariam mais ou menos inseridas na norma. E esse processo de confirmação é acionado a todo o momento, pois exige uma vigilância constante de que nada possa escapar ao controle.

ESTEVÃO e BAGRICHEVSKY (2004) admitem novos conceitos de competição, atrelados aos códigos da aparência física, em conformidade com as normas do mundo contemporâneo, geram discursos pragmáticos de exaltação à competição, coletiva e individual (superação de si mesmo), em todas as instâncias da vida cotidiana.

Contudo, a percepção da auto-imagem refletida não se esgota na sua identificação, mas impõe, ainda, uma confirmação externa. Para PEIXOTO (1995) há uma falta de credulidade em relação à própria imagem, aliada à recusa em se reconhecer, no processo de construção de si mesmo.

CARVALHO (1993) em “O Encontro Impossível de Eco e Narciso”, faz duas referências ao espelho. Na primeira considera que o espelho, para RILKE (1943)², seria um símbolo do ser narcísico que todos somos e, na segunda, cita Ovídio (As Metamorfoses), ressaltando que o poeta romano, analisando o mito de Narciso, declara que, através da imagem, o espelho captura a alma do refletido.

SABINO (2004) mostra que, nas academias de musculação, há uma significativa relação entre a imagem refletida no espelho e o grau de aceitação da própria imagem corporal. Assim, a partir da

aceitação da própria imagem, os indivíduos passariam a recusar tudo o que difere.

Os desejos e as necessidades

Na observação participativa, percebemos que os indivíduos jovens e, em particular do sexo

masculino, mostraram o desejo ficar muito musculosos, enquanto as pessoas mais velhas, de ambos os sexos, buscam os exercícios mais leves.

Esta observação foi detalhada pelo questionário, pelas razões que levaram os alunos às atividades de musculação, considerando os dados agrupados e, em seguida, separados por sexo (FIGURA 2).

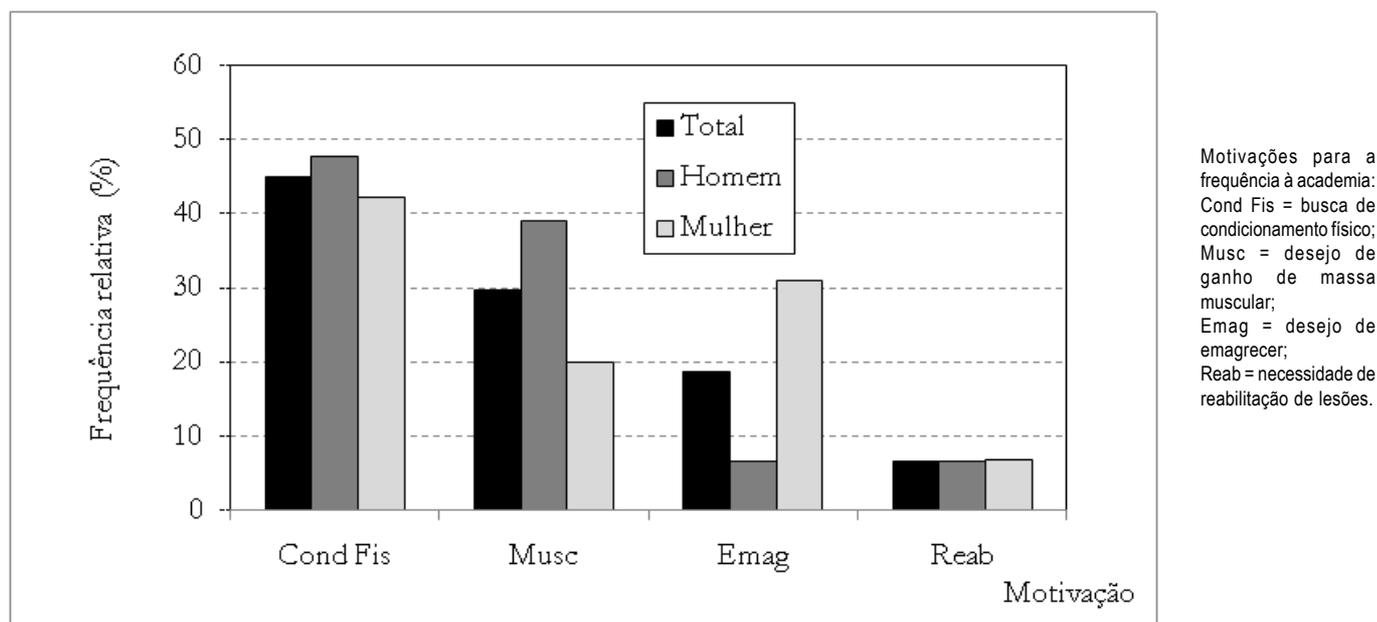


FIGURA 2 - Motivos que levaram os entrevistados à musculação. Distribuição por sexo.

Dos 91 entrevistados, 41 indivíduos (45%) desejam obter um condicionamento físico, melhorando a sua saúde; 27 dos entrevistados desejam aumentar a sua massa muscular (29,7%); 17 indivíduos (18,7%) buscam a atividade física para emagrecer e apenas seis indivíduos (6,6%) realizam as atividades para a reabilitação de alguma lesão ou doença.

Separando por sexo, vemos que o condicionamento físico foi a motivação principal de 47,8% dos homens e 42,2% das mulheres. O ganho de massa foi o objetivo de 39% dos homens e de 20% das mulheres. O emagrecimento foi uma motivação referida por 6,5% dos homens e por 31% das mulheres e o trabalho de reabilitação foi o expressado por 6,5% dos homens e 6,7% das mulheres.

Assim, os homens revelaram maior interesse no ganho de massa muscular e as mulheres buscam, especialmente, o emagrecimento. Esses mesmos resultados foram encontrados por MACHADO e DEVIDE (2007) ao analisarem as motivações de 60 usuários

em uma academia de musculação na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro.

Quando examinamos as motivações, em relação às faixas etárias, verificamos que o condicionamento físico foi a motivação principal para 14,3% dos indivíduos até 40 anos e para 31,9% acima de 40 anos. O aumento da massa muscular foi o que motivou 26,4% dos indivíduos até 40 anos e 3,3% acima dos 40 anos. O desejo de emagrecer foi manifestado por 13,2% dos entrevistados até 40 anos e por 4,4% dos indivíduos acima dos 40 anos. A reabilitação de lesões foi referida por 2,2% indivíduos até 40 anos e por 4,4% dos entrevistados acima dos 40 anos.

Os dados do questionário mostram que, nas idades mais baixas, há uma maior preocupação com a estética, enquanto a preocupação com a saúde e com a melhora da qualidade de vida vai aumentando com a idade. Assim, concentramos a nossa atenção em duas questões: o aumento de massa muscular e

o emagrecimento. Analisando o desejo de ganho de massa muscular, observamos que esse grupo envolve, predominantemente, os homens e os indivíduos mais jovens.

A preocupação com o aumento da massa muscular, em uma sociedade pós-industrial que se afasta das atividades braçais, incorporando hábitos sedentários, pode ser entendida com um desejo estético. Em seu livro "Masculinity", CONNELL (1995) considerou que, ao longo da história, os músculos expressaram o poder masculino, mas ao mesmo tempo, eram, também, o símbolo do trabalho manual e da condição proletária. Durante séculos eles estiveram associados à brutalidade, à rudeza e à grosseria. No mundo atual, contudo, o corpo musculoso tornou-se um ícone cultural completamente positivo e socialmente desejado.

SOARES (2004) referiu que a adequação entre o desenvolvimento muscular e as atividades cotidianas dos indivíduos, veio se perdendo, ao longo do tempo. Segundo a autora a acumulação dessas "montanhas de músculos" estaria, na atualidade, associada a uma simples exibição, levando-se em conta, que vivemos inseridos em uma sociedade que prescinde, cada vez mais, da força muscular.

A exigência de um corpo masculino musculoso pode ser evidenciada na evolução dos heróis do cinema norte-americano que saltou do estilo James Bond - um herói que parecia mais vulnerável - para os heróis representados por Schwarzenegger e Van Damme que são invencíveis e perfeitos e, cujo corpo musculoso, está diretamente ligado ao próprio símbolo da virilidade (MARZANO-PARISOLI, 2004).

POPE JUNIOR, PHILLIPS e OLIVARDIA (2000) admitem que:

a construção dos modelos corporais pode ser observada, também, nos brinquedos. Os corpos dos bonecos destinados aos meninos, e que seguem a imagem do herói, modificaram-se drasticamente, a partir dos anos de 1970, passando de corpos magros e esguios para corpos hipermusculosos, como se pode ver nas diversas representações de Falcon, um boneco lançado no final da década de 1970, em uma série que exaltava os soldados da guerra do Vietnam. O mesmo ocorreu com os corpos femininos, evidenciado na boneca Barbie, que, ao longo do tempo, foi se tornando cada vez mais magra, inserindo homens e mulheres em um mesmo processo, a despeito das diferentes formas de modelagem corporal.

Em segundo lugar, examinamos o desejo de emagrecimento, por meio da atividade física. No

desejo expressado, partimos de duas interpretações: a primeira relacionada à melhora do estado de saúde e, a segunda, vinculada à estética corporal. Para caracterizar essa variável, analisamos a dependência entre a necessidade de emagrecer e o IMC dos entrevistados.

Assim, 76% dos indivíduos portadores de sobrepeso (n = 29) e 100% dos indivíduos na faixa de obesidade (n = 9) mostraram o desejo de emagrecer. Em relação ao sexo, observamos que 67% dos homens e 100% das mulheres, na faixa de sobrepeso, expressaram a necessidade de emagrecer. Em relação à idade, o desejo de emagrecer nas faixas de sobrepeso ou de obesidade foi manifestado por 80% (abaixo de 40 anos) e 83% (acima dos 40 anos). Nessas faixas de IMC, o emagrecimento pode ser entendido como uma necessidade de melhorar a qualidade de vida, por meio de um ajuste no teor de gordura corporal.

Contudo, observa-se que, dentre os 46 indivíduos situados na faixa do peso ideal, 22 indivíduos (48%) mostraram o desejo de emagrecer (homens = 36% e mulheres = 58%). Havia apenas quatro indivíduos na faixa abaixo do peso ideal (IMC até 18,9) e nenhum deles mostrou desejo de emagrecer. Em relação à idade observamos que 29 indivíduos (até 40 anos) e 21 indivíduos (acima dos 40 anos) estão situados na faixa de peso ideal ou abaixo dele e nesse universo, 14 indivíduos abaixo dos 40 anos (48%) manifestaram o desejo de emagrecer, enquanto no grupo mais velho (acima de 40 anos) o desejo de emagrecer foi manifestado por oito indivíduos (38%).

Nossos dados mostram que, a despeito de se apresentarem no peso ideal, o desejo de emagrecer foi referido por um grupo relativamente grande de pessoas, especialmente, do sexo feminino. Houve, ainda, um predomínio do desejo de emagrecer, no grupo até 40 anos. Como os homens se concentram nesse grupo mais jovem, entendemos que o emagrecimento foi uma motivação também do sexo masculino.

Em "Culture, Evolution and Obesity", publicado em 1997, BROWN e BENTLEY-CONDIT (1997) já haviam considerado que as mulheres são mais afetadas do que os homens pela ditadura da magreza. Em relação ao desejo de um corpo magro, MCCREARY e SASSE (2000) ressaltaram que:

sob uma pressão dos modelos de revista, dos comerciais de TV, das atrizes e das personalidades, criou-se, de forma implícita e explícita, a concepção de que as mulheres de

sucesso devem ser magras, musculosas, exercitadas e submetidas, constantemente, a dietas. E que tudo isso estaria diretamente ligado ao sucesso.

Em contraste com o corpo magro, o corpo gordo é vinculado não apenas à falta de saúde, mas, especialmente, a um “corpo desumanizado” e dotado de falência moral. Assim, passa a existir um verdadeiro cerco à gordura e estratégias de “luta” são formuladas, visando a eliminação desse “desvio” (SUDO & LUZ, 2007). FISCHLER (1987) argumentou que a rejeição à gordura encontra explicação no estabelecimento da “magreza como valor moral”.

Para NOVAES e VILHENA (2003) o corpo gordo assume um caráter de ambiguidade nas representações sociais, considerando a construção do imaginário atual. Segundo as autoras: “a sociedade atribui aos obesos um tratamento contraditório, no qual se inscreve um paradoxo importante a ser destacado: aos gordos, associamos estereótipos como simpatia e amabilidade; por outro lado, sua imagem inspira a lipofobia como um sintoma social”. E é nesse “horror à gordura”, que uma série de técnicas de emagrecimento são forjadas - avalizadas pelos discursos construídos nas malhas da cultura do “fitness” e do “bodybuilding”.

O termo “lipofobia” também já fora usado por FISCHLER (1995) quando considerou uma rejeição social do corpo gordo, estigmatizando-se, assim, uma grande parcela da população que se mantém excluída do imaginário da cultura ocidental.

Os modelos interditados: uma questão de gênero

A despeito de estarem sujeitos a diferentes processos de construção corporal, homens e mulheres seguem os mesmos desejos da busca de uma norma. MARZANO-PARISOLI (2004) considerou que o homem deve domesticar o seu corpo pelo exercício físico, a fim de torná-lo compacto e musculoso, enquanto a mulher deve domá-lo, sobretudo, pelas dietas emagrecedoras, tornando-o compacto, mas esbelto, aumentando, assim, o contraste entre homens e mulheres.

Considerando essa construção diferenciada de gênero observamos, em nosso estudo, uma verdadeira divisão de espaços. Existem aparelhos que parecem “vedados” a um e a outro. As mulheres se concentram nas áreas onde se encontram os aparelhos que “trabalham” os músculos das pernas e os glúteos, enquanto os homens se exercitam nos aparelhos que

“trabalham” intensamente os braços e o tórax. Os exercícios para glúteos são completamente “interditados” aos homens. Para as mulheres, são vedados os exercícios mais pesados de supino e de barras, considerados masculinos. É interessante destacar que experimentamos, na observação participativa, esse tipo de “interdição” na academia onde foi realizado o estudo. Observamos que a “transgressão” a essa divisão de espaços era tratada, pelo grupo de uma forma satírica, evidenciando um quebra dos “acordos” de gênero. O rompimento desse “acordo”, em relação aos homens, gerava brincadeiras, nas quais, o “transgressor” era, jocosamente, chamado “boiôla”, ao se exercitar, por exemplo, nos aparelhos de desenvolvimento dos glúteos. No caso das mulheres que ganhavam massa muscular nos braços ou nos ombros, o comentário mais comum era de “masculinização”, como, por exemplo: “que pena, aquela menina é tão bonita, mas está parecendo homem!”.

SABINO (2004) assinalou no caso das mulheres que: “...essa busca de construção de uma identidade viril, provoca muitas vezes, uma deterioração da identidade e, assim, elas passam a ser estigmatizadas como “sapatão”, ou até mesmo confundidas com “travestis”.

Ao abordar as construções corporais da feminilidade e da masculinidade, MALYSSE (2002) afirmou que, no Brasil atual, a ideologia do gênero, associada ao erotismo, parece ampliar, um pouco mais, a distância anatômica entre homens e mulheres. Essa estetização de ideologia de gênero isola o corpo em duas partes: as partes superiores (braços, ombros, peitorais), associadas aos atributos de virilidade, enquanto as partes inferiores (quadril, nádegas e pernas) representariam os atributos da feminilidade.

Essa seleção dos “espaços autorizados” nas academias parece relacionada à repartição do corpo entre homens e mulheres, no contexto do olhar externo. GOLDENBERG e RAMOS (2002) referiram que pesquisas realizadas desde 1998 têm revelado que, para a mulher, os maiores atrativos sexuais masculinos são o tórax, “o corpo” e as pernas. Em relação aos homens, os maiores atrativos femininos são: a “bunda”, “o corpo” e os seios. Os autores consideraram que o termo “corpo” não foi especificado, mas, talvez, relacionado com um aspecto externo geral.

Em sua análise do corpo masculino erótico e psíquico, na Grécia atual, YANNAKOPOULOS (1998) mostra que a divisão do corpo, em uma parte superior (o psíquico) e outra inferior (o instinto erótico, sexual), permite aos verdadeiros homens (“andres”), anular uma outra decisão em seu próprio benefício: a distinção oficial entre a homo e a heterossexualidade. Uma vez que a parte superior é

considerada a sede do racional, essa divisão do corpo masculino significaria, também, a oposição entre a lógica e os instintos sexuais.

A diferença entre homens e mulheres, a respeito da busca da forma do corpo é, ainda hoje, uma questão que instiga antropólogos, filósofos, sociólogos, psicanalistas e, atualmente, pesquisadores na área de Educação Física e a temática em torno das relações de gênero reflete a vida social e busca romper a perspectiva biológica (MACHADO & DEVIDE, 2007).

Satisfação com o próprio corpo

Observamos que 69% dos indivíduos mostram algum grau de insatisfação com o próprio corpo (homens = 67% e mulheres = 72%). Em relação à idade, vemos que, no grupo mais jovem (até 40 anos), 80% dos indivíduos mostram algum tipo de insatisfação com o próprio corpo e, na faixa acima dos 40 anos, essa insatisfação foi manifestada por 56% dos entrevistados. Assim, não houve uma diferença expressiva entre homens e mulheres, a esse respeito. Contudo um grau maior de insatisfação afetou as pessoas mais jovens, de ambos os sexos. A insatisfação com a aparência pode estar relacionada ao peso corporal ou a alguma característica mais localizada que, em geral, fica exposta ao olhar externo.

Em nosso estudo, 64% dos indivíduos que estão no peso ideal ou na faixa de magreza estão insatisfeitos com o próprio corpo, em contraste com 24% dos indivíduos insatisfeitos, que estão na faixa de sobrepeso ou de obesidade. Esses dados permitem entender que os indivíduos magros ainda não conseguem se reconhecer nesse estado ou que a questão fica na dependência de alguma característica corporal que pode ameaçar a sua aceitação social plena.

Analisando o comportamento alimentar de praticantes de ginástica rítmica, ROMA, LEBRE e VASCONCELOS (2005) observaram que as atletas com mais baixos níveis de satisfação com o próprio corpo eram as mais magras (valores baixos de IMC).

Em seu estudo, VEGGI, LOPES, FAERSTEIN e SICHIERI (2004) observaram que a percepção negativa em relação ao peso corporal, independeu do IMC e esteve associada a questões psíquicas, sendo mais frequentes nas mulheres. Uma possível explicação para essa associação estaria relacionada à maior pressão sociocultural nas mulheres, no processo de enquadramento o ideal de magreza vigente.

Analisando a autopercepção da imagem corporal, entre estudantes de Nutrição, no município do Rio de Janeiro, BOSI, LUIZ, MORGADO, COSTA e

CARVALHO (2006) observaram a prevalência do ideal de corpo magro, pois mesmo as mulheres com peso ideal, mantinham, ainda, um significativo grau de insatisfação com a sua imagem corporal. Em se tratando de futuras nutricionistas, o impacto desse achado é ainda mais relevante, face às características da profissão.

Analisando o perfil nutricional de adolescentes, BRAGA, MOLINA e CADE (2007) observaram a grande importância estética como o motivo principal de mudanças nutricionais, especialmente relacionadas à discriminação da sociedade, em relação aos padrões de beleza. A percepção do desejo de emagrecer não foi condizente com os resultados encontrados na avaliação nutricional.

GOFFMAN (1980) aponta para uma eterna insatisfação com a imagem do corpo, estimulada pela ação da propaganda, cujo produto é ruptura entre o indivíduo e que se exige dele e isso traduziria como verdadeira opressão social que surge mesmo quando apenas o indivíduo e o espelho estão em cena. MALHEIRO e GOUVEIA (2001) confirmaram a existência de uma relação positiva entre a ansiedade física social e as atitudes e comportamentos alimentares de risco.

A beleza lapidada pelo bisturi As cirurgias plásticas

Dos 88 entrevistados que responderam à pergunta sobre cirurgia plástica, 10 indivíduos (11,4%) já foram submetidos à cirurgia plástica estética, sendo dois homens e oito mulheres. Em relação às faixas de idade, cinco indivíduos tinham até 40 anos e cinco acima de 40 anos. Assim, a quantidade de indivíduos que já se submeteram às plásticas foi relativamente pequena.

Consideramos então, o desejo dos entrevistados de se submeterem a uma cirurgia plástica futura. Os dados mostraram que 42 indivíduos (47,2%) realizariam uma cirurgia plástica, se tivessem oportunidades (homens = 23,8% e mulheres = 76,2%). Em relação às faixas de idade, o desejo de realização de cirurgia plástica foi expresso por 26 indivíduos na faixa até 40 anos (61,9%) e por 16 indivíduos acima de 40 anos (38,1%). Assim, a cirurgia plástica é uma meta potencialmente maior nas mulheres e nas pessoas mais jovens. Como as mulheres se concentram nas faixas mais altas de idade, os homens também estão contemplados nesse desejo.

Como a insatisfação com a aparência pode estar associada com o “desvio” de alguma característica

específica - e não com o peso corporal - associamos o desejo de realizar algum tipo de cirurgia plástica com a insatisfação com o próprio corpo. Assim, observamos que dos 27 entrevistados que se mostraram plenamente satisfeitos com o seu próprio corpo, 10 indivíduos afirmaram que fariam uma cirurgia plástica se tivessem uma oportunidade (37%), sendo oito mulheres e apenas dois homens. Em relação à idade vemos que, dentre os 10 indivíduos que afirmaram estar satisfeitos com o corpo, apenas dois fariam cirurgia plástica estética (20%), na faixa até os 40 anos. Na faixa acima dos 40 anos, encontramos 17 indivíduos que afirmaram uma plena satisfação com o corpo e, dentre eles, oito (47%) afirmaram que fariam uma plástica em caso de uma oportunidade. Assim, mesmo afirmando completa satisfação com o próprio corpo, um número significativo de entrevistados gostaria de ser submetido à cirurgia plástica estética, sobretudo, do sexo feminino e nos indivíduos acima dos 40 anos, onde as mulheres estão mais concentradas.

Uma outra associação foi analisada entre a valorização da opinião externa e o desejo de ser submetido à cirurgia plástica. Dentre os 44 dos indivíduos que desejam ser submetidos à cirurgia plástica, 33 (75%) valorizam a opinião externa sobre suas aparências (homens = 79% e mulheres = 64%). Em relação à idade, essa associação foi identificada em 27 indivíduos (89%) abaixo dos 40 anos e em 17 indivíduos acima dos 40 anos (52,9%). Dessa forma, a associação mostrou um leve predomínio nos homens e, de forma mais significativa, nos indivíduos mais jovens. Como há um número menor de mulheres na faixa mais jovem, entendemos que além dos homens (sem distinção de idade), as mulheres mais jovens estariam incluídas nessa associação. Em última análise, essa distribuição revelou que o desejo de ser submetido à cirurgia, associado à opinião externa, foi uma questão mais de idade do que de sexo.

Na literatura, as mulheres são o alvo principal dos procedimentos cirúrgicos estéticos que incluem, não apenas as cirurgias plásticas, mas a lipoescultura, o implante de silicone e o uso de botox. Apesar de um maior domínio das mulheres pela busca da cirurgia plástica estética, EDMONDS (2002) assinalou que cerca de 30% dos procedimentos estéticos são realizados em homens, considerando, ainda, que apesar de vários entrevistados afirmarem que a plástica é para atender aos seus próprios desejos, os comentários e as opiniões de outras pessoas parecem exercer forte influência.

A “explosão” de cirurgias plásticas, nas últimas décadas, sobretudo, nas mulheres, segundo DWUCK (1999), poderia estar relacionada às mudanças estruturais das oportunidades de trabalho, com um número maior de mulheres trabalhando e competindo e, assim, mais sujeitas às discriminações no local de trabalho, influenciando a construção das “ vaidades” e o “medo do envelhecimento”. A relação entre a busca por cirurgias plásticas e a inserção da mulher em um mercado profissional altamente competitivo também foi referida por EDMONDS (2002).

A realização da cirurgia plástica estética como uma forma de deter o curso do envelhecimento foi considerada por GOLDENBERG e RAMOS (2002) que admitem o corpo com um objeto de salvação, frente ao envelhecimento e, apenas como ilusão, à própria morte.

HAIKEN (1999) considerou que uma mudança fundamental da atitude cultural, em relação à beleza, acabou levando à aceitação pública generalizada da cirurgia cosmética. Essas atitudes podem ser relacionadas, por um lado à crença em um vínculo fundamental entre a auto-estima e a aparência física e, por outro, à crença de que a aparência física tem valor de mercado.

Na argumentação das mulheres a respeito das cirurgias plásticas, EDMONDS (2002) considerou duas vertentes: a primeira, relacionada à existência de um “ethos” que enfatiza a motivação psicológica (auto-estima). Trata-se de um enfoque mais pessoal e independente. Esse viés foi mais comumente encontrado na pesquisa nas mulheres mais jovens. O segundo argumento foi relacionado com uma idéia, mais tradicional, de feminilidade, com maior necessidade ou desejo de defender a plástica, nas pessoas mais velhas. O olhar do “outro” foi mais significativo, nesses casos.

Em nosso estudo, identificamos um perfil oposto ao observado por EDMONDS (2002). Dentre as 17 mulheres até os 40 anos que desejam realizar plástica, todas sofrem influências da opinião externa (100%). Em contrapartida, das 16 mulheres acima de 40 anos que desejam realizar cirurgia plástica, nove são influenciadas pela opinião externa (56,2%).

SANT’ANNA (2004) salientou que: “quando o trabalho de modificação da aparência pode apagar a realidade da idade e das origens sociais, torna-se difícil resistir às propostas da cosmética e das cirurgias plásticas”. Considerando essa perspectiva, em nosso estudo, teríamos que admitir que a preocupação com o envelhecimento envolveria, especialmente, as mais jovens (até 40 anos) e não

entre as mais velhas. Assim considerado, as pessoas mais jovens desejariam congelar o estado atual de juventude, reproduzindo a saga de Dorian Gray, no famoso romance do escritor irlandês Oscar WILDE (1998), no qual apenas a imagem do retrato envelhecia, enquanto o jovem Dorian Gray mantinha-se eternamente jovem.

Em seu livro "A História da Beleza", VIGARELLO (2006) considerou que o cirurgião plástico não se restringe à criatividade na definição dos novos traços. Ele vai mais longe, pondo-se a serviço do desejo individual: o "fantasma interior que, no sonho de cada um, corresponde à sua imagem ideal".

A cirurgia plástica pode, em determinados contextos, ser exaltada como um objeto de culto. Analisando a homenagem da Escola de Samba Caprichosos de Pilares ao renomado cirurgião plástico Ivo Pitanguy, no carnaval do Rio de Janeiro de 1999, EDMONDS (2002) referiu que, no enredo, o tema do rejuvenescimento foi tratado como um "processo híbrido de procedimento médico de alta tecnologia, de serviço de luxo do consumidor e de transformação psicológica". Assim, o autor considera que o envelhecimento (o tempo) pode ser visto como um tipo de ferimento ou de deformidade e, portanto, na cirurgia plástica de rejuvenescimento, há uma transposição do terreno da estética para o da restauração.

O corpo sob aprovação externa

A importância da opinião externa foi referida por 67% dos entrevistados (homens = 63%; mulheres = 71%). Em relação à idade, 37 indivíduos abaixo de 40 anos (72,5%) e 24 indivíduos acima de 40 anos (60%) são influenciados pela opinião externa. Assim, a opinião das outras pessoas mostra algum tipo de influência sobre a aparência dos entrevistados, com um ligeiro predomínio do sexo feminino e das pessoas mais jovens.

A despeito de uma suposta liberdade no que diz respeito à nossa aparência, nunca estivemos sob uma "ditadura do corpo" tão rígida. A eterna necessidade de parecer bem aos olhos do "outro" e de estar inserido em um padrão estabelecido e, praticamente inalcançável para a maioria das pessoas, seja por limitações de tempo, de dinheiro ou de compleição física, produziu, em nossa sociedade, uma verdadeira neurose coletiva que cria, muitas vezes, dificuldades em desfrutar momentos em ambientes públicos (praia, piscina, esportes) e privados (relações de intimidade), quando a exposição do

corpo é exigida. Compromete, ainda, o estado de saúde, associado à anorexia, à bulimia, à depressão ou causados pelo uso de anabolizantes.

Segundo MALYSSE (1997), todos os esforços despendidos na construção da beleza idealizada traz como recompensa a liberdade de expor os corpos, nos espaços públicos e, especialmente no verão. Todo esse processo de disciplinar o corpo, às custas de muito suor e calorias perdidas, está intimamente associado ao reconhecimento social e à aprovação.

Os cuidados físicos passam a se constituir em uma forma do indivíduo se capacitar ao enfrentamento dos julgamentos e das expectativas sociais. Assim, todo o investimento destinado aos cuidados estéticos é dirigido à aceitação social (NOVAES & VILHENA, 2003).

A beleza farmacológica

Em um universo de 91 entrevistados, 26 indivíduos (28,6%) fazem uso de substâncias ergogênicas ou de complexos vitamínicos (homens = 40% e mulheres = 22,2%). Em relação à idade, o uso dessas substâncias foi referido por 18 indivíduos até 40 anos (35,3%) e por nove indivíduos acima de 40 anos (22,5%). Assim, o consumo de substâncias dessa ordem envolveu, especialmente, os homens e os indivíduos mais jovens.

O uso de suplementos alimentares e de anabolizantes foi referido por SABINO (2002), considerando que, por meio da pressão da mídia, há a imposição de um modelo que retrata uma tendência estética da sociedade atual. O uso de substâncias dessa natureza tem aumentado, associado à prática diária de musculação, de exercícios para emagrecer e de dietas.

Apenas um entrevistado do sexo masculino e na faixa até 40 anos referiu o uso "moderado" de anabolizantes. É possível que o consumo de dessas drogas tenha sido subestimado em nossa amostra, pelo fato de que, em geral, as pessoas tendem a negar o uso de tais substâncias. Esse único usuário de anabolizantes afirmou que muitos jovens fazem uso dessas drogas para ganhar massa muscular, mas sempre negam esse comportamento. SABINO (2002) confirmou que raramente os usuários admitem o uso de anabolizantes, quando entrevistados por alguém estranho ao contexto.

Em seu trabalho "O Peso da Forma", SABINO (2004) relatou uma experiência como usuário (observação participante) de uma academia de musculação, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro:

...Já do lado direito, após a recepção, vejo uma ampla loja de suplementos alimentares (SNC está escrito na entrada) com centenas de potes e vasilhas de tamanhos variados - uns chegando a ter quase o tamanho de um balde de lavar

roupa - chamados de suplementos alimentares e alquímias nutricionais feitas de líquidos e pó para bebidas denominadas shakes, além de centenas de vidros de vitaminas (de A a Z pude constatar depois)....

Conclusões

Ao desenvolver esse tipo de estudo, tivemos que buscar uma neutralidade, especialmente, na observação participante, face à subjetividade incluída nesse tipo de abordagem.

A escolha da academia é um fator que pode influenciar a configuração do perfil dos praticantes de musculação. Em nosso caso, a sala de musculação está inserida em um clube, frequentado pela classe média e, com uma vocação - inclusive estatutária - de usar a atividade física como uma estratégia de promoção de saúde e de integração social. Nesse viés, os professores jamais estimulam qualquer tipo de atitude que desviem desses objetivos. Talvez por esse motivo, não tenhamos encontrado os “bodybuilders”, rotulados como “marombeiros”. Assim, acreditamos que uso de hormônios esteróides não seja, de fato, uma prática comum entre os frequentadores.

SABINO (2004) em seu estudo sobre “O Peso da Forma”, chama a atenção sobre essa geografia da cidade, afirmando:

...vou, então, para a Meca dos músculos e das anilhas de ferro no Rio de Janeiro, o bairro de Copacabana. Como havia ouvido anteriormente nas outras academias dos bairros da Tijuca, Vila Isabel, Andaraí e Grajaú, Copacabana, é, atualmente, a detentora dos títulos das academias mais pesadas do Rio de Janeiro, com gente malhando pesado e sério. Isso significa que, nesse bairro, tais instituições da forma assumem um caráter acentuadamente profissional na prática; ou ao menos semi-profissional. Artilharia pesada, dizem os frequentadores.

No presente estudo vimos que as relações e as representações que surgem dentro de uma academia de musculação, não podem desvinculadas de um projeto maior de construção sociocultural, presente no imaginário das pessoas.

A associação de um olhar bem atento e a coleta de informações, diretamente dos usuários da academia, permitiram identificar a força dessa cultura da beleza e do corpo perfeito que se espalhou por nossa sociedade. Encontramos na literatura uma série de contextos que evidenciamos em nosso estudo, considerando o corpo como aparência, desejável tanto para o próprio indivíduo quanto para a aprovação externa.

Em diferentes graus, esses modelos e conceitos interferem na vida de todos, sejam homens, mulheres, mais novos ou mais velhos. Em nosso estudo observamos que a beleza física e o corpo jovem e tonificado são valores importantes para um grande número de pessoas e a crença de que estes atributos são uma obrigação e uma responsabilidade do próprio indivíduo.

Porém, ao longo do estudo, fomos percebendo que os fatores que levam as pessoas às salas de musculação ultrapassam um simples esforço estético, ou seja, as pessoas procuram, ainda, qualidade de vida e construção de uma rede social, na qual se inclui a qualificação do pertencimento.

A partir da análise dos nossos dados do questionário, podemos concluir que, de uma forma geral, há uma grande preocupação com a aparência e com a aprovação externa, especialmente entre os indivíduos mais jovens. Houve, contudo uma diferença em relação ao sexo. Os homens buscam construir o modelo aprovado do corpo, por meio do ganho de massa muscular, não apenas pelos exercícios, mas, ainda, pelo uso reforçador de substâncias ergogênicas e de vitaminas. As mulheres partem nessa busca, pelo emagrecimento e as cirurgias plásticas estéticas. Os corpos de homens e de mulheres devem ser modelados segundo uma geografia de gênero, a partir da qual, os mesmos desejos permitam conduzir a uma cada vez maior distinção das formas corporais.

Abstract

Anthropology of a fitness academy: a view about body and a space of social representation

It is a field work accomplished in a fitness academy in north of Rio de Janeiro City, where we analyzed the representation on the body and the desires of looking for an idealized model. We concentrated our interest in the reasons that take the individuals to spend it so much effort and time in that activity. Data of the literature reveal that we are inserted in a "body culture" and that that behavior interferes in the people's life and in the image that you/they have of themselves. To leave of those data we identified the cultural and social relationships of that universe, through the participant observation and of the analysis of applied questionnaires to the individuals.

UNITERMS: Anthropology; Fitness; Body; Social representation.

Nota

1. O termo correto seria ginásio ("gimnastirio") e não academia, pois, na Grécia Antiga, o ginásio era o local onde se praticavam as atividades físicas. Em contrapartida, a academia era destinada às atividades intelectuais.
2. RILKE, R.M. *Sonetos a Orfeu*. Tradução Paulo Quintela. Porto: Editorial O Oiro do Dia, 1943.

Referências

- ALMEIDA, M.J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C.L. (Org.). **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.79-108.
- BOSI, M.L.M.; LUIZ, R.R.; MORGADO, C.M.C.; COSTA, M.L.S.; CARVALHO, R.J. **Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v.55, n.2, p.108-13, 2006.
- BRAGA, P.D.; MOLINA, M.C.B.; CADE, N.V. Expectativas de adolescentes em relação a mudanças do perfil nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p.1221-8, 2007.
- BROWN, P.; BENTLEY-CONDIT, V. Culture, evolution and obesity. In: BRAY, G.; BOUCHARD, C.; JAMES, W. (Orgs.). **Handbook of obesity**. New York: Marcel Dekker, 1997. p.143-55.
- CARVALHO, J.J. **O encontro impossível de Eco e Narciso**. Brasília: Depto. de Antropologia/Universidade de Brasília, 1993. p.1-15. (Série Antropologia).
- CARVALHO, Y.M. **O "mito" da atividade física e saúde**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- CONNELL, R.W. **Masculinities**. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 1995.
- COURTINE, J.J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D.B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.81-114.
- DWECK, R.H. **A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. (Texto para Discussão).
- EDMONDS, A. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nú & vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.187-261.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da corpolatria e body-building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.3, n.3, p.13-25, 2004.
- FISCHLER, C. La symbolique du gros. **Communications**, v.46, p.255-78, 1987.
- _____. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D.B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.69-80.
- FRAGA, A.B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C.L. (Org.). **Corpo e história**. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.61-77.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M.S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nú & Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-40.
- HAIKEN, E. Venus envy: a history of cosmetic surgery. *Journal of the History of Medicine*, v.54, p.98-9, 1999.
- LOLAND, N.W. Body image and physical activity: survey among Norwegian men and women. *International Journal of Sport & Psychology*, Rome, v.29, p.339-65, 1998.
- MACHADO, L.P.; DEVIDE, F.P. Representações de homens e mulheres sobre a prática da musculação em academia. *Lecturas, Educación Física: Revista Digital*, Buenos Aires, v.12, n.111, 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 19 set. 2007.
- MALHEIRO, A.S.; GOUVEIA, M.J. Ansiedade física social e comportamentos alimentares de risco em contexto desportivo. *Análise Psicológica*, v.1, n.19, p.143-55, 2001.
- MALYSSE, S. A la recherche du corps idéal: culte féminin du corps dans la zone balnéaire de Rio de Janeiro. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, n.31, p.157-74, 1997.
- _____. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nú & Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.79-137.
- MARZANO-PARISOLI, M.M. *Pensar o corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MARTINEZ, F.J. *O espelho de Narciso: corpos e textos de consumo*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. (Org.). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EdUSP, 1974. v.2, p.209-33.
- McCREARY, D.; SASSE, D. An exploration of the drive for muscularity in adolescent boys and girls. *Journal of American College Health*, Washington, v.48, p.297-304, 2000.
- MENEGUELLO, C. *Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- NOVAES, J.; VILHENA, J. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*, São Paulo, v.8, n.15, p.9-36, 2003.
- PEIXOTO, C. O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.1, n.2, p.87-106, 1995.
- PEREIRA, F.M.G. *Um ensaio etnográfico sobre as representações do corpo feminino entre mulheres de camada média alta do Recife*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.
- POPE JUNIOR, H.; PHILLIPS, K.; OLIVARDIA, R. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- ROMA, A.F.V.; LEBRE, E.; VASCONCELOS, O. A satisfação com a imagem corporal e a propensão para as desordens alimentares em praticantes de ginástica rítmica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL MULHERES E DESPORTOS. AGIR PARA MUDANÇA, Lisboa, 2005. *Anais...* Lisboa: Associação Portuguesa Mulher e Desporto/ Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física/Universidade do Porto, 2005
- SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nú & vestido*. São Paulo: Record, 2002. p.139-88.
- _____. *O peso da forma. cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- SANT'ANNA, D.B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história*. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.3-23.
- SFEZ, L. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SOARES, C.L. Corpo, conhecimento e educação. In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história*. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.109-29.
- SUDO, N.; LUZ, M. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.12, n.4, p.1033-40, 2007.
- VEGGI, A.B.; LOPES, C.; FAERSTEIN, E.; SICHIERI, R. Índice de massa corporal, percepção do peso corporal e transtornos mentais comuns entre funcionários de uma universidade no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v.26, n.4, p.242-7, 2004.
- VIGARELLO, G. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- WHO (World Health Organization). The use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO Expert Committee on Physical Status, 1995. (Technical Reports Serie, n.854).

SANTOS, S.F. & SALLES, A.D.

WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. 2.ed. São Paulo: Clube do Livro, 1988.

YANNAKOPOULOS, K. Corps érotique masculine et identities sexuelles au Piree et a Athenes. *Gradhiva, Revue d'Histoire et d'Anthropologie*, v.23, p.101-7, 1998.

ENDEREÇO

Adilson Dias Salles
Instituto de Ciências Biomédicas
Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Prédio do Centro de Ciências da Saúde, Bloco F - 1º andar - sala 13
21941-590 - Rio de Janeiro - RJ - BRASIL
e-mail: adsalles@anato.ufrj.br

Recebido para publicação: 21/07/2008
Aceito: 27/04/2009